

*Secundo poema de Julio*

# O PUCHIRÃO

..... DO .....

## GÉ PICAÇO

(POEMETO SERRANO)

..... POR .....

JULIO SIMÃO

LIVRARIA NACIONAL

PASSO FUNDO

1925



Ao seu bom e dilecto amigo  
 Virgúeiro, o

Facerda

14/1/926

# O Puchirão do Gé Picaço

POEMETO SERRANO

POR

Julio Simão

(Dr. Lacerda de Almeida Junior)



PASSO FUNDO

1925

No me voy a ir a ninguna

parte.

1912

El Puchirio de G. Pichón

POEMATO SERRANO

FOR

Julio Simón

EDICIÓN DE LA BIBLIOTECA

—\*

PASSO FUNDO

1925



## Com licença de vanceis ...

Tuda vida ovi dizê que muiê que já foi e cavallo que ha de sê não presta !

A comade Satyria está nos causo. Do que vale á coitada tê sido a muiê mais docêra do Passo do Chinello, se a miserave, hoje, não pôde mais fazê nem rapadura de cidra, a môde do Geronço, que le estraviô tudo o capitá ?

Ansím è o cavallo dos fio do Coronè Praxède ! Pilungo è o qu'elle é ! Quando ata uma carrêra. é aquelle tédéo ! Porque disque não bota 15 em duas quadra ; porque disque que stá qu'è uma navaia... Mas podem sempre tem mm desconto e um inrôscio, quando vai pro trio : as veis é porque sahiu mal ; outras é um desconto quarquê na raia, que foi de lançante ô de repecho...

Quá ! Bastantes razão tem os mandi : Muiê que já foi e cavallo que ha de sê, não presta ...

E não presta mesmo !

Ansím è assunto de trôva. Trovadô de conta, pra mim, sò no papê.

Posso dizê, graças a Deus, que não hai sumana qu'eu não veja trová. E' nos puchirão, è nas carrêra ; finalmentes, onde eu sei que hai um trovadô dos de fama, pôde se dizê que o Julio Simão está cscuitando.

Eu nasci ansím : o que é que vô fazê ?

Mas tambem se as trova não são no geito, ô se os trovadô combina fuêro com cambão, pôde se fica certo que o Julio Simão já steve, não stá mais.

E isso de trovadô anda tão cainho, pue eu resolvi quando ovisse umas trôva, que não fosse rastôio, eu havêra de fazê publicá, nem que fosse em papê de bolicho, porque dizque os ôtro de escrevê, está mêmo caro qu'inte é um destrago.

Pois a publicação destas trôva é, ansím, uma premissa. Eu não queria morrê (que Deus me livre e guarde por tão cedo !) sem do Chico Faria,

Deixá suas trôva escripta,  
Pois coisa, ansím, tão bonita,  
Eu nunca, na minha vida,  
Ovi dum peito cabôco !

Mas porem dizque esta pubricação vae dá inrôsko... Inrôsko? Ora! Ora, não hão de vê o tatú praque cavóca?! Não póde dá inrôsko! Escutem vanceis: o Chico Faria me fraqueô a licença; o allemão que vae trabaiaá, nós já se acertemos; já entreguei um pedaço da quantia. por sinal que tive de vendê uma petiça da Quininha e a mula da Gertrude, pra inteirá a metade dos gasto.

Inrôsko porque?

Quá! Só dizendo agora como aquelle intaliano fazedô de sala-me: «Quejo em estragêro é formage,

Desgraça pôca é bobage...»

Com inrôsko ô sem inrôsko, tenho de pubricá estas trova. Em assunto de preméssa eu sô ansim; tenho muito medo de ficá carcundo...

No mais, me despeço de vanceis tudo. como o tio Quinca Bastião: «Passem bem, si tiverem com que».

JULIO SIMÃO

## Duas palavras

A minha feição literaria é bem uma faceta do meu sentimento e dos meus pendores nativistas.

Tendo um profundo orgulho de ser brasileiro, porque aquillo que conheço do mundo — e não é tão pouco! — levou-me á conclusão de que nada ha de comparavel ao meu paiz, era bem de ver que, como corollario desse enthusiasmo pela Terra, andasse parelha a estima que yóto ao Homem, ao producto, para uns ficticio, para outros, como eu, já definitivo, do caldeamento das raças que entraram na formação do nosso typo ethnológico.

O meu orgulho pela Terra levou-me, insensivelmente, a essa preocupação constante de exaltar o Homem brasileiro. E o facto mais característico, está no modo como, sem procurar inspirações fóra de mim, deime, desde muitos annos, ao regionalismo. Mal pude, na escola ainda, concatenar ideias, as minhas composições ou «redacções» tinham preferentemente, por thema. episodios ou scenas da vida gaucha.

Fiz-me regionalista sem me aperceber disso.

As mais importantes *Revistas* e *Magazines* do paiz guardam, em suas paginas, contos e novellas de minha auctoria, producções essas de profundo cunho regionalista.

Este genero literario começa de sedusir os moços.

Não sendo muito velho, ainda sou do tempo em que os regionalistas se contavam pelos os dedos...

Tinhamos, no Norte, o estupendo Affonso Arinos e o apaixonado, por cousas e tradições brasileiras, Mello Moraes Filho.

No Sul tinhamos Simões Lopes, Alcides Maya, Barbosa Netto e alguns mais de menor relevo.

Concomitantemente á campanha nacionalista, de ha dez annos atraz, de que foi excelso chefe Olavo Bilac, os cultores da literatura regionalista appareceram aos pares, ás dezenas e hoje são innumeraveis: Monteiro Lobato, Menotti Del Pichia, Roque Callage e tantos mais, cujo valor se mede pela verdade com que apanham, em suas producções, flagrantes de nossa vida brasileira, de nossas tradições, de nossos usos, de

ossos costumes. de tudo, emfim que è absolutamente, fundamentalmente, brasileiroamente nosso.

Este paiz è tão estupendo e encerra tantas surpresas em seu seio portentoso, que me atrevo a affirmar que. nós brasileiros, ainda não conhecemos nem mesmo todo o nosso povo.

E não è dizer que me refira a regções remotas, semi civilizadas como os sertões do Amazonas e Matto-Grosso.

O brasileiro, mesmo literariamente, quasi que desconhece a Região Serrana do Rio Grande do Sul, uma das unidades da Federação mais celebradas e estimadas no paiz que — permittam-me o bairrismo — tem um pronunciado orgulho pelos *gauchos*, pelos *guasças*, como. preferentemente, por ahi alem se diz dos rio-grandenses do sul.

A campanha, a fronteira do nosso Estado têm sido vasculhadas, observadas, estudadas pelos nossos literatos, em seus usos, costumes e tradições.

Quanto á Serra, se não ha descaso por ella, ha uma absoluta ignorancia da Terra e do Homem.

Não explico o phenomeno, porque, francamente, a vida do *cabôco* da serra è bellissima !

O ambiente em que elle labora e vive tem encantos como as *step=*  
*pes* verdes do extremo sul do Rio Grande não suggerem.

As mattas umbrosas e perfumadas que o machado progressista, mas iconoclasta, do colono vae talando aos poucos, têm outra belleza, suggerem outra inspiração que se não soffre com a visada desse mar gaio que è o pampa sulino.

O typo autocthone, tambem, è outro ; radicalmente diverso o serrano do fronteiriço.

«Ansim quiz Nosso Senhô !

Les metteu, dentro do côco,

Tudas bellesa da terra,

Tudo os prefume da serra,

Da lûa tuda a claresa,

E todo o brio do sol,

Tudas as côres do arrebol !

Deu-le tuda essas bellesa

Porque mêmo, no interiô,

Feiz do cabôco um horrô !

Cabellos preto, espetado,  
Que nem espinho de ouriço ;  
Mais arto do que petiço,  
C'os óio negro e rasgado,  
Num sembrante côr de cuiã . . .  
E com mais nós do qu'imbuia,

No corpo meio curvado.  
C'as perna sempre cambota,  
Qu'elle endereita c'as bota . . .  
E' feio e desengraçado,  
Mas pau torto é que dá mel ! »

Pois foi a Terra, o Homem e a Vida da Região Serrana que eu pretendi focar no «Puchirão do Gê Picaço.»

Presumo conhecer bem a vida do gaúcho fronteiriço. Creio, até ter dado bastas provas do meu asserto, com as producções literarias que já mereceram do insigne Alcides Maya as palavras mais elogiosas e animadoras.

Vivendo, agora, na Serra, impressionei-me com o desconhecimento que o resto do Rio Grande e do paiz têm della.

Quem por ahi alem sabe o que seja um puchirão ?

«Mas porem, lá no sertão,  
O costume é deferente :  
Pra trabaia faz agente  
—E chamemos puchirão—  
Um convite entre os visinho,  
Que more longe ô pertinho . . .

No dia do puchirão,  
Chega tudo o vizindario ;  
Ninguém não ganha salario,  
E' uma ajuda de irmão . . .  
Somentes o dono da roça  
Dá uma festa pra troça,

Quando acaba a prantação.»

Ninguém julgue, entretanto, que eu penso ter perpetrado cometimento de grande valia, de notavel valor literario ou etnologico. Nada disso.

Sou, de natural, modesto e avesso á notoriedade ; não que os vapores do capitoso nectar da gloria me não embriagem ... de longe, mas porque sou *cabôco* e, como tal, indolente até para acercarme da taça transbordante que, perdoem-me a immodestia, não demora muuito distante do alcance de minhas mãos ...

Procurei observar rigorosamente a prosodia do *cabôco* da Serra, razão porque, muita vez, os eptasilabos parecerão quebrados... O leitor intelligente porem procurará a tonicidade das palavras e chegará á conclusão de que os versos não têm ... pés quebrados.

Como a terminologia serrana é riquissima e propria, tive ideia de ajuntar a este "poemeto" ... um vocabulario. Mas pela razão da mesma indolencia, já acima alludida, deixei de fazel-o, remetendo o leitor ás fontes donde me abeberei ... isto é o *cabôco*. Elle explicará que cananea é espada ; chôto é facão ; inrosco é precalço. difficuldade ; imbuia é uma arvore em cujo tronco ha uns caroços grandes. especie de hernia da propria madeira ; folhêro, ou folheiro é alegre e assim por deante...

Isto posto, entrego esta producção á critica dos que, como eu, estimam «a nossa terra e a nossa gente.»

Passo Fundo, Outubro de 1925.

*Lacerda de Almeida Junior*



## O Puchirão do Gê Picaço

(Poemeto Serraço)

Lá p'ras banda do Marau,  
Nas terra do Passo Fundo,  
Nesse pedaço do mundo,  
A que um espirito mau  
Botou esse nome atôa,  
Quando é a terra tão bôa . . .

No sertão daquellas terra,  
Onde em noites de luar.  
O tigre, a anta, o jaguar,  
No mais profundo da serra,  
Gemem, gritam, sem cessar,  
Nas ancias do seu amar . . .

Pois foi naquelle districto,  
Distante da povoação,  
Que, durante um puchirão,  
Cheio de pinga e de grito,  
( Apinga do dono da roça,  
Os grito da gente da troça )

Se deu o causo que conto !  
Santos do ceu, Santo Onofre !  
Que seje, que nem um cofre,  
Este meu miolo tonto . . .  
Alimpae minha memoria,  
Pois quero contar a historia,

Dessa função memorave,  
Que durô uns par de dia . . .  
Quero do Chico Faria,  
Cantadô, com'um alarve,  
Deixá suas trova escripta,  
Pois coisa ansim, tão bonita,

Eu nunca, na minha vida,  
Ouvi dum peito cabôco !  
Vanceis verão, daqui ha pôco,  
Como a viola sentida  
Chorava naquellas mão,  
Desde as prima, inté o bordão . . .

Porque aquelle instormento,  
Tocado pelo Faria,  
Tinh'ansim um'harmonia,  
Que era riso, ou sentimento;  
Que se ria, ou que chorava,  
Conforme o indio acarcav la . . .

Eu tenho muita viôla,  
Muita guitarra dorida,  
E muita gaita extendida,  
Ouvido, que nem piôla,  
Ou laço, ou maniadô,  
Em mão de bons tocadô !

Mas porém, como o Faria,  
( Inté eu nem acredito ! )  
P'ra mim o tal subredito  
Tem mandraco e bruxaria,  
Nos dêdo, ou mêmo nas mão,  
Pois não tem expricação

O geito do home tocá . . .  
Elle começa baixinho,  
Como pio de passarinho ;  
Despois, alto e no alteá  
E' que elle bota o tempero  
Ou manso, ou com desespêro . . .

Principia retorcendo  
Do instormento, as cravêia,  
Como se fosse as orêia  
Dum animar, suspendendo  
O são das corda esticada . . .  
Despois puxa umas toáda,

Da barriga da vióla . . .  
Despois pára e recomeça . . .  
E fica em meio da pèça ! . . .  
Então, a móde que engróla  
Uns piado de avestruz,  
Inté dizê «Ai Jesus !»

As corda ! E' como les digo ;  
Escuitem o meu relato :  
O diabo daquelle mulato  
Tem um segredo comsigo . . .  
Ou, então, o instormento  
Tem quarqué coisa, por dentro!..

E a'vôz do trovadô ? !  
Tem ansim umas tremura,  
Que provoca umas tontura,  
Que nem eu sô sabedô . . .  
A gente fica esfarfado,  
Só de ouvi o damnado !

Urú piando no matto,  
Sabiá nas gamelêra,  
A patativa ligêra  
Não cantam como o mulato !  
Trovadô, como o biriba,  
E' coisa muito por riba !

\* \* \*

Hai um costume, lá fóra,  
Lá onde véve o cabôco,  
Que vanceis ha de achá lôco ;  
Mas porém, les digo agóra,  
Que é tão véio como o mundo  
E, como elle, profundo.

Nasceu co'os home na terra,  
E foi Deus quem ensinou,  
Quando, no mundo, botou  
Os animal pelas serra  
E as estrella pelo ceu  
E os home neste mundéu . . .

Uma estrella sósinha,  
Não podia inluminá,  
Nem o ceu e nem o már ;  
Mas muita estrella juntinha  
Faz mais luz que vagalume,  
Embora seja aos cardume . . .

O tigre é bicho marvado ;  
Anda sólito, no mais . . .  
E dos tatêto, anda atrais,  
Mas porém arrecuado . . .  
Só ataca o que sósinho,  
Deixa da vara o caminho.

Guará vermêio é matreiro,  
Finge de manso e coitado,  
Troteia oiando p'r'os lado,  
A percura dum cordeiro,  
Que se aparte do rebanho,  
P'r'elle mettê o gadanho. . .

Um home só pôco vale,  
Por mais turuna que seie,  
E por mais que elle forceje,  
Inda mesmo que se rale,  
Não pôde, só, se arrumá;  
Tem que os outro le ajudá.

Ansim foi e ha de ser,  
Nas orde da criação;  
Nasce a força da união;  
Ou bem ha de perecer,  
Quem quizé contrariá,  
As coisa, ansim como está.

Mas porém, lá no sertão,  
O costume é defferente.  
P'ra trabalhá faz a gente,  
— E chamemos puchirão —  
Um convite entre os visinho,  
Que móre longe ô pertinho. . .

No dia do puchirão,  
Chega todo o visindario,  
Ninguem não ganha salario,  
E' uma ajuda de irmão. . .  
Sómentes o dono da roça  
Dá uma festa p'ra tróça,

Quando acaba a prantação.  
Se come churrasco e farinha,  
Corre a pinga e denoítinha  
Se dança e hai violão,  
E sempre hai desafio,  
Nem que chova e faça frio . . .

Porque onde hai dois cabôco,  
Hai sempre dois trovadô . . .  
Ansim quiz Nosso Senhô,  
Les metteu dento do côco,  
Tuda as belleza da terra,  
Tudo os perfume da serra,

Da lûa tuda a claresa,  
E tudo o brio do sol,  
Tuda as côres do arrebol;  
Deu-le tuda essas belleza,  
Porque mêmo no exteriô,  
Fez do cabôco um horrô . . .

Cabellos preto, espetado,  
Que nem espinho de ouriço;  
Mais arto do que petiço,  
C'os óio negro e rasgado,  
Num sembrante côr de cuiá . . .  
E com mais nós do qu'imbuia,

No corpo meio curvado . . .  
C'as perna sempre cambota,  
Q'elle endereita cas bóta!  
E' feio e desengraçado!  
Mas pau torto é que dá mel . . .  
Não percurem nos papel.

Confirmação do que digo...  
Nos livro só hai sentença,  
De quem tem muita sabença,  
De coisas que nem eu ligo,  
Nem podemos comprehendê...  
Mas quem quizé aprendê,

Tambem estuda na vida,  
Qu' ella é mesmo um livro aberto,  
Mas porém meio encoberto,  
P'r'os que não conhece a lida  
De lê as letra embrulhada,  
Que nelle estão alinhada...

Estou mesmo por dizer  
Que mais se aprende vivendo,  
Do que aos livros recorrendo !...  
Aquelle que mais vivê,  
Mais consegue experiencia,  
Que é a mais arta sabença !

Feita esta relação,  
Vou cumprir o promettido.  
Vou botar muito sentido,  
Do causo, na descripção.  
Escuitem : Virge Maria !  
Como trovava o Faria :

(1.º dia)

Se trabalhô, todo o dia,  
Na roça do Gé Picaço !  
Veio gente dos Treis Passo,  
E de todo a cercania...  
E o mulherio solteiro  
E' qu'estava mais folheiro...

A coivára foi roçada ;  
Não ficou sarapiêra.  
Inté se jogô carrêra,  
Entre as turma organizada ;  
P'ra ve das duas, qual dellas  
Ficava em entaladelas . . .

Porque se faz geralmentes,  
Nesses grande puchirão,  
Quando hai de gente um bandão,  
Uma aposta, que sómentes,  
Tem um ganho : é se brincá,  
E uma perda : é se dançá.

Os dois grupo principia,  
Ao mesmo tempo, a roçá ;  
E um dos dois deve cortá,  
Do outro, durante o dia,  
Do eito a frente marcada,  
De modo a ficá cortada,

Ansim como envolvido  
Fica o tigre, na caçada,  
No meio da cachorrada . . .  
Quando um perde, é um alarido !  
Se troceia, e paga a dança  
O que perdeu, sem tardança.

Nesse dia o que perdeu,  
Foi o grupo do Faria.  
De modo qu'as Ave-Maria,  
O Innocenço Thadeu  
Declarou á sociedade,  
Qu'ia dá uma novidade,

Como paga da perda  
Aposta, feita no eito;  
Que o Faria abria o peito,  
E ia contar a vida,  
Do «Coroné Cacimbinha»  
(O «Promotô Guaiquinha»).

Nisso o Faria pegou  
O instormento mavioso;  
Puxou um «frango» teimoso,  
Lá das profunda e escarrou . . .  
E foi trovando, no mais,  
Estas trova colossaes:

«Para les contar a historia  
Deste heróe nunca vencido,  
E' perciso pôr sentido,  
E puxar pela memoria !

A memoria é como um livro,  
Que carece de cuidado;  
S'elle fica abandonado,  
Não demora com' um crivo.

Se tornar, porque as traça  
Péga á roer as leitura,  
Deixando quarqué criatura,  
Na mais hõrrive trapaça . . .

Porque os bicho, parece,  
Inté ter entendimento :  
Tiram do livro sustento,  
No ponto que mais merece !

Da memoria, a nossa traça  
E', de certo, o abandono  
Em que deixa quarqué dono  
Do que sabe, a grande massa.

Pois do livro da memoria  
Vou tirar este argumento,  
(Vanceis fique muito attento,  
Ao fio da minha historia)

Perciso as folha do livro,  
Uma a uma debulhá,  
A móde de interessá  
A sociedade em que privo,

A quem saúdo e premetto,  
Em treis dia, sem pará,  
A vidá tudá contá,  
Em prosa, verso, ou soneto,

Do «Coroné Cacimbinha»,  
Desse alentado patife,  
Gordo, gago e alarife,  
Com pança d'egoa madrinha :

Aos treis dias que nasceu,  
(Disse a parteira e não minto)  
Um camondongo faminto,  
O imbigo le roeu !

De certo a manha do bicho,  
(Muita gente me garante)  
Desd'esse tempo distante,  
Ficou, que nem carrapicho,

Pinchado ne sobredito,  
Coroné adevogado,  
Escrevedô desbragado,  
Que se tem por erudito...

Conseiêro e, disque, chéfe,  
De muito gringo eleitô ;  
Mas pra mim o tal «dotô»  
Não passa dum mequetréfe,

Dum embusteiro, dumguéla,  
Dum «dotô da mula russa»,  
Formado em fazê dentuça...  
Dum dotô «saca muéla

\* \* \*

E foi crescendo o miúdo,  
Sempre gordo e espertinho...  
E, quando disse «P...adinho»  
Se notou que, tartamudo,

Nascera o gury... Maroto,  
Quanto mais elle crescia,  
Mais se notava e se via,  
Qu'estava alli o «Canhôto»,

Em carne e osso e figura !  
Inté disque uma criada,  
A quem fez uma bregeirada,  
De raiva, numa tremura,

Disse, sahindo da casa :  
«Deixa t'está, semvergonha,  
Cara de brôa, langonha,  
Pedra braba! Aos céus praza,

Qu'eu m'engane, mas de certo,  
Enganada é que não stô. . .  
Deus que ansim te assignalô,  
E que te fez tão esperto,

E' que notou certamentes,  
O que és e o que serás!  
Pois disque é como Elle faz,  
Quando dá noz, tir'os dentes. . .

Ora, imaginem vanceis,  
Se o Coroné Cacimbinha  
Tivesse a lingua sortinha. . .  
Inté falava. . . franceis !

A gagueira é uma serrilha,  
Que Deus bóta, com vantagem,  
Dos faladô de bobage,  
Nos beijo. E' uma presi'ha,

E uma cunha arrochada,  
Mettida nos tagarela,  
Nesses que batem traméla,  
E afinal não dizem nada. . .

\* \* \*

Finalmentes o gury  
Foi botado num'escola;  
C'a roupa numa sacóla,  
Lá se foi p'ra Taquary. . .

Aprendeu o 'a. b. c.'  
Inté mesmo a soletrá;  
Mas porém er'um azá,  
Quando chegava nos 'p'.

Empacava, que nem burro,  
Em vêra de atoladô...  
Só gritando o professô...  
—Menino te dou um murro—,

E' que o Cacimba sahia,  
Da letra, com qu'impricava;  
A móde inté que lembrava,  
Que o professô le mettia

Um móio grande de urtiga,  
Na cóla, como se faz,  
C'as mula, quando, no mais,  
Se qué que ellas prosiga,

No caminho interrompido...  
O Cacimba era na escola,  
Conhecido por pachóla...  
E logo foi presentido,

Pelo mestre rigoroso,  
Um certo vicio, que tinha...  
Gostava de sê bainha...  
Dos companhêro vicioso...

Não houve bôlo, ou conseio,  
Que le tirasse o costume,  
De sê candeia de lume,  
C'o pavio e azeite alheio...

Já lia regularmentes,  
Já sommava e dividia.  
Inté discurso fazia,  
Nas festa do «Tiradentes»,

E noutras festa . . . Porém,  
No meio da discursêra,  
Tropicava e, era asnêra,  
Nem por mal e nem por bem,

Sahia da entalação!  
E' que o coitado encontrava  
Argum «p» e s'inroscava,  
Na sua pronunciação.

No p . . . p . . . p . . . encaiado,  
Levava, o pobre gury,  
Um tempão, qu'eu nunca vi,  
Como burro aporreado!

Inté sahi da escola,  
Gaguejava e inda gagueja!  
Não houve chá de carquêja,  
Cuié de pau, na cachóla,

Água bebida em gógó  
De bugio roncadô . . .  
Nem remedio dos dotô  
Deu vorta naquelle nó . . .

Já taludito e roliço,  
Lá se foi, p'ra Capitá,  
E, na Escola Militá,  
Entrou. Foi um reboliço . . .

Cuê pucha, barbaridade!  
Os cadête veterano,  
Cada bichão aragano,  
Bisparam a novidade,

E o Cacimba arrodiaram . . .  
Pareciam, naquelle cêrco,  
A bizorrada no estêrco . . .  
E quasi se peliaram,

Porque, cada qual queria,  
Que o gury sentasse praça,  
—E nisso è qu'estáva a chalaça—,  
Na sua propria «Compania» . . .

Havia, então, na Escola  
Militá, um veterano,  
Conhecido par magano,  
Um forrista mui gabóla.

Com'um diluvio, trovava ;  
Tinha um «Crub Caradura»,  
Onde fazia figura,  
E onde se rebuscava,

A custa de sê marôto . . .  
Pois o Sá, o dito cujo,  
(Cruzes, diabo ! Typo sujo !)  
Do Cacimba er'o pilôto . . .

Disque um dia o Commandante,  
Um coroné inzigente,  
No meio de tuda a gente  
Disse, no mais : Seu tratante,

Vancê'stá muito enganado ;  
Com essas coisa, eu não brinco ! . . .  
Vancê vae p'r'o «Vinte e Cinco»,  
Dest'Escola *desligado* !

Depois seje o que quizé,  
(Militá é que não póde...)  
Vá p'ra rua e... compre um bóde  
E depois... stá qui o papé

Da sua desligação!  
— «Mas como p. p. posso vivê  
(Disse enroscado nos p.,  
Na maior suffocação...)

Com orde de *desligado*?  
Isso é que não; um figa!  
Minha sorte stá na *liga*!  
Vô me *ligá* c'um sordado!...

E se foi p'r'o Bataião.  
E foi «cabo de faxina»...  
Cada qual com sua sina;  
Uns são dono, outros pião...

\* \* \*

Tirou o tempo o Cacimba,  
E começô a pensá:  
— «Eu p—p—perciso trabaia,  
Porque a vida de *tarimba*

Não serve; é muito apertada...  
Qual será a profissão?  
Padre, dotô, sachristão?  
Qual padre dotô, qual nada!

Inendente Provisório  
E' a coisa só, que me serve.  
Ninguem, comigo, se astreve,  
Pois sou patusco e finorio...

Vô p'r'um lugá increncado. . .  
Enredando meio mundo,  
Finjo um despreso profundo,  
Intê me fazê notado. . .

E quando cheirá a *peróba*,  
Ou mesmo corrê *estanho*,  
Tudo se atira no "estranho",  
Como porco em guabiróba.

E o Dotô borges é o primeiro. . .  
Parece que já stô vendo,  
O Bichão véio escrevendo:  
"Meu presado conpanheiro!

O Rio Grande percisa,  
Do seu concurso e o "Partido"  
'Sta indicando, commovido,  
O seu nome que harmonisa,

Os amigo divergente!  
Nesta data le nomeio  
"Provisorio" e ansim creio,  
Ter feito um bom Intendente".

Despois um mappa pegô,  
E foi lendo os Municipio  
Tudo, de fim ao principio  
E, atinal, elle exclamô :

— "Mãe de Deus! Sarve Rainbã  
Não sei porque me parpita. . .  
Não hai terra mais bonita ;  
Me vô já p'ra Cacimbinã

Amenhã eu les garanto,  
O causo recommença.  
Vamos tudo descança,  
Cada qual busque seu canto.

Façam como os passarinho,  
Que sem esmorecimento,  
Buscam, de dia, o sustento,  
Mas, de noite, vão p'ro ninho.

Minha doce companheira,  
Vióla, minha paixão,  
Extingue, doce, o teu são,  
Sej' esta a voz derradeira!"

\* \*  
\*

Dizendo, ansim' o Faria  
Tirou um são tão mimoso,  
Do instormento mavioso,  
Qu'inté mesmo parecia,  
Que a vióla, lá por dento,  
Dava o seu consentimento !

(2.º dia)

Inda as estrella piscava,  
No manto denso do céu ;  
A lûa, atirada ao léo,  
Como um phantasma brilhava,  
Branca, fria e meia torta,  
Fria e branca, como morta . . .

Inda os gallo no puleiro,  
Não tinham annunciado,  
A vinda do abençoado  
Bemfeitô do mundo inteiro,  
Com seu canto de victoria,  
Que é santo, segundo a Historia ;

Inda o mundo sumergido,  
Num somno calmo e pesado,  
Descançava amortaiado,  
Num sudario intertecido  
Dos fios brancos e léves  
Do luar em suas neves;

E já, na vêra do fôgo,  
Tuda a gente conversava,  
Emquanto chimarreava !  
Nem houve pedido ou rôgo,  
Que fizesse o trovadô  
A historcia do «dotô»,

Tão gavada, continuá.  
Aos pedido do mocêdo,  
Firme, com'um rochedo,  
E forte qnal pichuá,  
Allegava o seu Faria,  
Que não tardava, era dia . . .

E que quem se astrevesse,  
A quarqué tróva fazê,  
(Quando estava p'ra nascê  
O sol,) embora escondesse,  
Tudo havéra d'enxergá  
Um rabo, a s'epanejá

Nascido nos trovadô  
Que teimasse e não eumprisse  
Os conseio da velhice,  
Que, disque,—e sou sabedô—  
«Quem cont'um causo, de dia,  
Cria rabo de cotia . . . »

As barra do dia vinha,  
Tingindo de muitas cores,  
A terra cheia de flores  
Deixando se vê a linha,  
Que separa o ceu da terra,  
Nos dente negro da serra;

Lusque-fusque inda fazia,  
Quando o véio Gé Picaço  
Serviu café com melaço,  
P'r'o povo da companhia;  
E como o véio é cutúba,  
Quem cubiçava jacúba,

Lógo amostrava a farinha,  
E mandava se serví.  
(Que véio, ansim, nunca vi !)  
E coisa qu'elle não tinha  
Mofinice, e, ao contrario,  
E' mesmo, inté, perdulario . . .

Passô-se o dia na róça.  
Prantô-se milho e feijão,  
(P'ra colhê cinco mil mão,  
Hai gente que a tanto orça  
O resultado e o producto,  
Se não dé milho faiúto . . .

Estô mesmo por dizê,  
Que, se o tempo corrê bem,  
E a geáda, que ás veis vem,  
Quando comêça a crescê  
As pranta, vae dá pára ripa  
A prantação do biriba)

Se terminô o trabaio,  
Estav'o sol se sumindo . . .  
Meu Deus, que dia tão lindo!  
E a tarde? Só mesmo em Maio,  
Hai côres ansim briante,  
No céo profundo e distante !

Lá onde o sol se afunda,  
P'r' outros mundo inluminá,  
Era mesmo um carnavá  
De côres, em tal barafunda,  
Qu'eu não sei nem expriçá  
Quem poderia pintá

Tantas cores defferente,  
Tantas bellesa sem par,  
Tantas figura no ar,  
Tantos desenho ! Somentes,  
Deus, que é todo poderoso,  
Pinta quadro tão fermoso . . .

Quando os parceiro amoitado,  
Rodeavam o fogaréo,  
Do meio do povaréo,  
S'ergueu o Tico Maiado,  
E ao Chico Faria disse:  
«Amigo ! E' grande tolice,

'sta vancê redemunhando . . .  
Cumpr'a promessa e a vióla  
Saque, no mais, da sacóla !  
Que o povo já'stá êsperando  
O causo do «Cacimbinha»  
Honte parado, á noitinha !

«Patricios meus e parceiros,  
— Hão de me dá a licença—  
Esta noite, sem detença,  
Meus presados companheiros,

Vou o causo extraordinario  
Dos caburé les contá;  
P'ra que possam maginá  
Como, na vida, é contrario

O que se vê do que é! . . .  
Côr de teia, pequenino,  
Mas porém o mais ladino  
—Com certesa é o caburé—

Dos gavião conhecido  
Aquelles óio amarello,  
Grandes, naquelle farello  
De passarinho sumido,

Paréce que tem feitiço . . .  
São briantes como conta  
Macios como da lontra  
O pello. Póde ser isso,

E ha de sê, com certesa,  
O que arma o caburé,  
Da força que tem e é  
A perdição de suas presa . . .

Quando tem fome o bichinho,  
Se pranta numa ramada,  
Dum'arve grande e copada,  
Oiando tudo os caminho.

Óia p'r'o chão os urús,  
Os macuco, os perdigão  
Esperando ; ou então,  
Nas grimpa, espia o jacú . . .

E se vê que dá no geito,  
Se atira, que nem maluco,  
Nos jacú ou nos macuco,  
Cravando as unha nos peito,

Emquanto o pico afiado,  
Começa, embaixo das asa,  
A les mettê, que nem brasa . . .  
E vae roendo, esfomeado, -

Primêro alli nas costella,  
Despois percura os purmão,  
E ao chegá ao coração,  
O infeliz *bóta a guela*

*No mundo* ; e solta um grito,  
Tão delorido e sentido,  
Que a gente vê, no gemido,  
Um ultimo adeos, constricto

A este mundo enganoso,  
Cheio de feias trahição !  
Pois como este gavião,  
Hai muito cuéra baldoso !

Fingem de amigos da gente,  
Se mettem no coração,  
Conseguem a protecção,  
E quando, no mais, s'está crente,

Que se tem um dedicado  
Amigo reconhecido,  
O miserave fingido  
Já traz amanonseado,

O golpe da trahição!  
Que dóe mais do que úa faca,  
Do que cornada de vacca,  
Do que mordida de cão...

Porque é que nem veneno  
Da mais pior cascavé,  
Que quando morde num pé  
Faz secá que nem ao feno

A geada, quando não mata  
O christão que foi mordido!  
Vanceis ponham bem sentido,  
Na relação da ingrata

Inzistença do «Cacimba»,  
Quando foi feito Intendente:  
Pois o gago mardizente,  
Producto ruim da *tarimba*,

Desde que foi «Provisorio»,  
Pretendeu cuspi na mão  
Do que o erguera do chão!  
Começô c'um falatorio,

C'um disque-disque novento,  
Contra o home, que era tudo  
Daquelles pagos! Graúdo,  
O seu maior valimento,

No povo estava, pois era  
Respeitado e mui querido.  
Sendo chefe do Partido,  
Não deixava de ser cuéra,

Como homé, o seu Polito :  
Quanto de bom elle tinha,  
Acceitava qualquer rinha,  
E peleiava solito,

D'estribo flôxo e se rindo . . .  
O indio sêcco no ferro,  
Peleia sem dá um berro,  
Se chacualha, quiéto e lindo,

Como se fosse ás pitanga . . .  
Quando se sôbe dereito,  
Do fêrvo, arrumado a geito,  
Pelo "dotô" brusundanga,

Que fazia da Intendença,  
Uma inliada medonha,  
E a tóca dos semvergonha,  
Amigos da desavença,

Que o "Cacimba" caborteiro,  
(Pro "seu" Politó trahi)  
Tramava na surda . . . Chi !  
Amigos, foi um berreiro.

Foi um tédéo nunca visto !  
Reunidos num'assembléia,  
Um dos tantos, pela idèa,  
Puxô e disse : — "Nem Christo",

Quanto mais o "Cacimbinha",  
Arruma capão pra pôso !  
Devemos le fazê o tôso ;  
Com nós não tira farinha . . .

Pois então, isso é dereito ?  
Vem do inferno um mastruco,  
E qué, com nós, jogá "truco"  
Nós cristiando ? ! Sujeito

Ansim, de tropa, é refugo !  
Nunca póde dá em bóla . . .  
Amarremos le na cóla,  
Uma lata, e sabugo

Bem cheia e, pelas estrada,  
Montado num burro branco,  
Que vá a tranco e barranco,  
Que nem um'alma penada,

A la cria ! E' o que acho.  
Que volte pra donde veio,  
Pra não fazê mais inleio !  
Será que se arruma um macho,

Pipeiro, macêta e branco ?"  
Na relancina, um piasóte  
Chegô c'um burro, no tróte,  
Basteriado e lunanco.

Foi uma farra ; cuê pucha !  
A murtidão meia lôca,  
Alguns c'os dedo na bôca,  
Outros puxaúdo as garrucha

E dando tiros pro ar,  
Chegaram na Intendência,  
Lógo inzigindo a presença  
Do causante de estar

Na mais grave reveria,  
Tudo o povo do lugar.  
Tremendo e quasi a chorar,  
O "Cacimba" mal podia

Có'o peso da pança d'egoa...  
Ansim mesmo elle falô,  
A la fresca, num fedô,  
Que tresandava a uma legua...

— "Espero do Prezidente,  
Só a reposta pedida,  
Pois isto aqui não é vida,  
Le disse e, otro intendente,

Pedi que mande ligêro,  
Do contrario largo mão...  
Pois não estô só pro sabão  
Ganhá... Esperem primêro

O governo arresolvê..."  
Um indio, venta furada,  
Não comprehendendo a embruiada,  
E persando, já se vê,

Que fosse só cristiada  
As fala do "Cacimbinha",  
Pellô o ferro da bainhá,  
E disse pra gauchada :

—'Elle o que qué é tersiá,  
Nós levando no embrulho  
Esperem , no mais, no pandulho  
Vô le 'ste ferro . . . guardá,

Ou então que vá s'imbora,  
Sem buchinchá, ligêrito,  
E que passe d'espácito  
Sem mesmo levá espóra,

No burro. pro povo vê  
A cara do méquetrefe,  
Que quiz sê o nosso chéfe . . ."  
E acabando de dizê,

Rompeu pela murtidão.  
E se chegô, muito ancho,  
E disse : — "Cara de chanco,  
A nossa resolução

'stá tomada, é uma só :  
Ou tu vaes, naqnelle macho,  
Ou então te parto e racho,  
E te atóro os mocotó . . .

Não queremos t' enxergá,  
Nem a sombra das oreia . . .  
Pisa no rasto, troteia,  
Te some que nem virá . . ."

Em vista da intimação,  
Feita co'o ferro pellado,  
Montô o "Cacimba", calado,  
No pipeiro. E num trotão,

Se mandô para Bagé,  
No meio dum tal mosquêdo,  
(De certo a móde do medo)  
Que ao chegá, tudo deu fé. . .

E o facto foi commentado.  
Muito tempo. E mesmo agora,  
Hai gente ainda que chóra  
De tanto ri do . . . engraçado.

— —

Ansím foi o triste fim  
Do «Cacimba» Provisorio,  
Que quiz sê muito finorio.  
Mas porém, furô um mirim. . .

Quiz se mettê de carancho,  
Nas terra do «seu» Polito,  
Mas, a la fresca, num grito,  
Teve de mudá de rancho. . .

— —

Vô, neste causo, por ponto.  
Vamos tudo descansá;  
Não carece continuá,  
Num causo que já está pronto. . .

Conforme a minha premessa,  
A vida tuda contei,  
E se a fama arrui. . . nei  
Desse patife. que é péça

Das mais pior e temive,  
Não me queira mal por isso.  
Sô indio, que m'infeitiço,  
Plos que tem a vida horrive,

E se fingem de santinho . . .  
Eu sô o Chico Faria,  
Gosto muito de arrelia  
E vivo no meu cantinho,

A's orde dos mata-môro . . .  
Sei trová e sô ginête,  
Tambem sei jogá muquête  
E quebrá aspa de tôro ! . . .

Quando o Faria acabô  
De trová o que aqui fica;  
O Gaudenço Tiririca,  
Que, tambem, é trovadô,  
Intimando a sociedade.  
Disse, com certa maldade :

"Pois eu não 'stô sastifeito,  
C'a historia do «Cacimbinha»!  
Eu quero que a ladainha  
Vá mais longe e aporveito,  
— Já que estemos farreando,  
E o mocêdo 'stá gostando—

O momento e desafio,  
Sem reserva, um trovadô,  
Que queria, desse "dotô"  
Sem muita volta e fastio,  
Da vida, nestas parage,  
Le descascá as passage . . ."

E, como disse o cuerúdo  
Essas fala, já se ergueu.  
Por tudo os óio correu,  
Do mais grande, ao mais miúdo . . .  
Tu era gente cainha;  
Ninguem acceitava a rinha . . .

E o Gaudenço, mui ancho,  
A móde qu'ia sentá,  
Por não podê encontrá  
Quem le fizesse farrancho,  
Quando um gringo intremettido  
Le largô, bem no ovido :

"Io no sono trovatore,  
Per contigo mi batere . . .  
Má, ostia ! vô a dizere,  
Qui proprio, hai gente d'onore !

Nunca vi ganso cuspi,  
Nem formiga com catharro;  
Botija só hai de barro,  
Trovadô só hai mandi . . .

Poi tu 'stá molto inganato,  
Si tu penza qui é cosi !  
Canta i gringhi c'ol mandi  
Canta il bianco c'ol mulato . . .

Amigo, ansim eu t'estranho,  
Não começa a buchinchá . . .  
Se lembre, ao querê trová,  
Que mulato é côr d'estanho . . .

Tu penza, má veramente,  
Io crédo i no m'inganho,  
Questa colore d'istanho  
Non fá paúra a niente . . .

Amigo Pépe Marula,  
Vamo, no mais, ao careio;  
Não é medo ou arreceio,  
Pois tigre não teme mula . . .

Ni tuto tigrì é valente,  
Io ti posso garantire,  
I senza propria mentire  
Hai tigrì qui no ten dente . . .

Não tenho dente, bem sei,  
Mas as unha não me falta  
Se tu qué vê, vamo, salta . . .  
Pois na peleia sô rei !

Si tu vole peliare,  
Minghia ! con mé non sará . . .  
Siamo qui per si juocá,  
Non si bisonha inticare . . .

Pois sô cabôco conforme,  
Quarquê pesar me adiverte . . .  
Sô o quéro-quéro solerte  
Que até drumindo não dorme . . .

Entô tu é parecido  
Co Cacimba deligente,  
Qu'enganha tuta la gente,  
Quando proprio 'sta dormido . . .

Me chama de labisome,  
De catinga de gambá,  
De cara de tamandua,  
Mas me compara c'os home . . .

No fú la mia intenzione,  
Com le mólíe comparare,  
L'amico qu'io só presare,  
Per questa propria ragione !

Pois então, Pépe Marula  
Me diga, se faz favô,  
Quem é que finge dotô,  
Sendo a topêra mais nulla?

La mente mia indovina;  
Questo sogêto tratante  
Non é Galileu, ni Dante,  
Sinô un tale de «Cacimbina» . . .

Vancê é seco na trôva,  
Inté parêce cabôco!  
Vá pensando e dê o trôco:  
Barriga grande é corcôva?

La riposta no combina,  
Co la prigunta qui é fata,  
Pertanto, boca serrata!  
Qui risponda il «Cacimbina» . . .

Pois amigo eu le respondo  
A prigunta por mim feita:  
Corcôva nunca se ageita,  
E' como quadrado redondo. . .

Tu Gaudenzo Tiririca,  
Qui é molto bô trovatore,  
Mi responde per favore,  
Cacimbina dove fica?

Que é lá pra Santa Maria,  
E' o que posso le dizê;  
Mas porem, se qué aprendê,  
Vá estudá jometria.

Nella geometria s'istuda  
Tute le belle figure:  
Réte, curve i proprio pure  
Delle linha dolce e ruda.

Tu é muito é calavêra!  
'stô vendo a tua intenção...  
Dall Igna foi no arrastão,  
Só não se sabe a manêra...

Non parlo di quel Dall Igna,  
Qui del auto fu cristiato...  
Non sono di lu incaricato,  
Di cobrarlo al «Cacimbinha»...

Se na lingua intaliana  
Se diz «da linha» pra tudo,  
Vô me calá, fica mudo,  
Isto, da linha, é macana...

E' melio noi si calare,  
Per non sortir della linha...  
Al contrario il «Cacimbinha»  
Vam' ancorá esculhambare...

Cá pra mim é indifferente;  
Pra trová eu sô um bicho!  
Pra mim é mesmo capricho,  
Vê rinchá qualqué vivente!

Nem bem o Pépe, calando,  
Tinha dêxado o parcêro  
Dono de todo o terrêro,  
E com'um cochincho saltando,  
Do tambor, temendo as púa,  
Do puro sangue «charrúa»...

Já stava o indio foliêro,  
Mui cheio de si, pisando  
Na ponta do casco, escarceando,  
Com'um bagual altanêro,  
Quand'um allamão se tramô,  
Na frenté do trovadô :

Esberra, Gaudenz, um bôco,  
Endong eu fae gomeçarr;  
Dampeing eu bóde trofarr,  
Eu starr, acôrra, capôco . . .

Santo Deus ! Virge Maria !  
Valei-me Nossa Senhora !  
Quando mais, senão agora !  
Os allamão me cristia . . .

Eu nong querr de gristiarr;  
Minha desseja starr ôtra . . .  
Eu só querr gontarr a bôtra  
Ta «Gacimpa» atfogarr . . .

Então Fritis Rammenbrais,  
Tu tambem conhéce o cuiéra,  
Vô te botá na cuiéra,  
Co Marula e arguem mais . . .

Eu nong serr uma gachôro,  
Bra tu bóta num guiêrra;  
Eu starr gabôco guêrra  
Mais falende gome as dôro !

Não faço Fé, no que allegas;  
Tu mais paréce um leitão.  
Deixa de fita allamão;  
Tu és so bom nas bodégas . . .

Nos potêga eu dampeing acha :  
Tuda munda me conéce;  
Eu pêpa, gui nem barréce,  
Um pariga ti cajaça . . .

Eu stô vendo que a canninha  
Está trovando por ti . . .  
Botemos os pontos nos i,  
Tratemus do «Cacimbinha» . . .

Eu guerria ti gontá  
Um hisdôria têsse home,  
Du mi tisse muinda nome . . .  
Acôrra, endong, non tá.

Amigo Fritis, le digo,  
Eu não quiz le offendê !  
Vá trovando, pra nós vê,  
Não fique brabo commigo.

Nong starr praba con focê,  
Eu só starr tisconfiada,  
Bra isso eu fica calada,  
Eu fica só bra drocê . . .

Vancê diz que «stá cabôco»,  
E já qué embrabecê ?  
Cabôco nunca se vê  
Embrabecê por tão pôco . . .

Bra tuda nong tiz «mesguinha»  
Ta Fritz; endong eu fae,  
O gue agontece bra bae  
Telle, lá na Goxinha,  
Gontar. Têxa eu falar,  
Nong brecise gundestarr . . .

Póde contá su'história,  
Eu não vô l'interrompê;  
Não vá, de nada, esquecê,  
Puxe bem pela memória.

Bois minha bae, numa kerpes,  
Pricô gum ôdra badricie,  
Endong checô o bolicie,  
Tirrande tudes a réfes,  
Ta salong, gui stav'escure !  
Elle cridô: «Nong empure !

Nong sexe mal etucade !  
Agui dem muitas familie,  
Agui dem os minha filie,  
Och, bolicie triscraçade ! »  
Quando fez luz um feis,  
Tudes marchô bra xadreis . . .

Endong a minha babae,  
Brague chamô «tiscraçade »  
Bra tudes, foi brocessade !  
Endong a frau Rammebrai  
Gondradei a «Gacimpinha»  
Braque stava na Goxinha.

Elle guerria ganhei  
Um porçong ti «birriguita»,  
Endong elle faz um fita :  
«Nong dem nada gue chorrei !  
Tudes brecise gontrate,  
Endong sae muinde barrate . . . »

A brocesse ? Um borguerrie !  
A nosse querrida jéfe  
(Zinhór Andoninha Gréff)  
E a Ferguêrra nong guerrie  
Brocesse e tiz : « Nong brecise  
Cásta tinhêrra ! Chuize !!  
E nong, na kerps, pricarr;  
Nois fae acaparr gum isse,  
A brocesse serr tolice ! . . .  
Tudes brecise fotarr,

Bra « Bartide » « no eleiçong ! »  
A « Gacimpinha » fique prabe;  
Nois chame, tudes, safade,  
E chaistreck as allemong !  
Bra isse nong dem falie,  
La no nosse kolonie.

Seguia a festa animada,  
Na mais mió harmonia,  
Ripinicando o Faria  
As mais bonita toáda.  
Só a indiada, bebida,  
Eu bem vi qu'estav'erguida . . .

Me cheguei pro Gé Picaço  
E le disse : « Seu compade,  
Praque que vancê não ha de  
Acabá c'a festa ? Eu acho  
Que daqui a pôco arrebenta,  
Na sua casa, a trumenta ! . . .

Mió vancê expricá  
Que já desceu o « Cruzêro »  
E que os pôrcó, no xiquêro,  
Já tudò começa a ronca . . .  
Compade, essa coisa, ansim,  
Vae acabá num chinfrim ! »

«Vancê, compade Simão,  
— Me arrespondeu o coitado—  
E' que, como convidado,  
Podia, com pricaução,  
Ageitá, sem offendê,  
O povo, a se recoiê...»

Considerarei no pedido,  
E nas suas consequença.  
E fui, c'a minha prezença,  
Oíá o povo intertido.  
Mas porém, não tinha geito,  
O fervo já stava feito!...

O Fritis stava embriuíado,  
No meio da murtidão...  
E com o chôto na mão,  
O Gaudenço, embriagado,  
Estralava, como tatêto,  
Ô como assado no espêto...

Eu não ví como o buchincho  
Começô. Quando eu cheguei,  
Sómentes esbiotei  
Estas fala: «S'eu me pincho,  
Em riba deste allamão,  
Le arranco os figo, c'a mão!»

E o pobre Fritis dizia:  
«Mais, nong brecise pochinche,  
Eu serr a calla gochinche,  
Gui focê, endong, guerria...»  
E o Gaudenço corcoveava...  
Era vê um mamangava,

C'aquelle chôto na mão!  
Queria, vejam que asnêra,  
Fazê uma grande porquêra,  
Acabá c'a reunião!  
Já pro fim elle intimava  
Quarquê, que alli s'encontrava.

Mas porém, quem não encontra,  
Despois de muito campιά?  
Elle achô, pra se coçá,  
Sarna da braba. . . E a affronta,  
Qu'elle fez á sociadade,  
Pagô e caro, é verdade!

Maginem vanceis; o Faria  
Sem qu'elle désse por isso,  
Se tramô no reboliço  
E disse: «Vancê desafia  
Quarquê qu'esteje presente?  
Pois, se é commigo, assustente

Os gôrpe do chananéco!  
Arreceba este primêro,  
Que é pramóde andá ligêro  
E pula com'um bonéco. . . »  
E se trançaro no ferro!  
Eu garanto que não erro:

Se o chananéco era bôa,  
O chôto não piorava!  
De módos que s'escuitava  
Os tim-tim dos gôrpe atôa,  
Marcados, dento das lei,  
Dos que, no ferro, são rei. . .

Chegava a sahí faisca,  
Da ferramenta trançada !  
E, naquella trevoada,  
Nem um, nem ôtro truvisca  
O corpo, bem defendido,  
Do peliadô atrevido.

Quando a peleia estralô,  
(Nunca vi tanto estravio !)  
Não foi só o mulherio,  
Que correu, ô que avuô;  
Muito barbado, ligêro,  
Dexô, correndo, o terrêro . . .

Santo nome de Jesus !  
Parecia uma tocada,  
Duma grande cachorrada,  
Em ninhada de avestruz . . .  
Uns corria, outros gritava,  
Emquanto as véia resava.

O Pápé ergueu os Pépinho,  
E se metteu no paiór;  
Pois all'estava milhor,  
Sem perigo pros filhinho,  
Recommendando á muié,  
Mais branco do que papé:

«Fitcha la porta ca a dranca,  
Latchia a djinella ingustata,  
Per noi pulá, per l'estrata,  
Si securetza qui manca . . . »  
Foi um tédéo memorave,  
Nunca vi coisa mais grave !

O Gé Picaço exoramava . . .  
O Fritis se suverteu . . .  
O Pépe, na toca . . . O Thadeu,  
A famía não achava . . .  
E os indio, barbaridade !  
Divertindo uma sôdade . . .

Finalmentes o Derfino,  
— Commissario do lugá —,  
Que tinham ido chamá,  
Chegô e, com muito tino,  
Foi-se chegando e dizendo :  
«Em nome da lei, eu prendo

Tudo os dois contraventô !  
S'intreguem pr'otoridade !  
Não levo ninguem de compade !  
E' perciso tê rigô !  
Vamo pra Subintendença,  
Lá se verá a sentença,

Despois do «corpo denlito» . . .  
Se fazê nos peliadô !  
Nem percisa de dotô,  
Pra se prestá de perito . . . »  
Os indio, inté, s'intregarô,  
Sem recramá e marcháro . . .

E logo eu fui convidado,  
Pra servi de avaliadô  
Dos taio dos peliadô.  
Inzaminei, com cuidado,  
Si argum destrago se via,  
No Gaudenço ô no Faria . . .

«— Seu Commissario Derfino,  
Pois eu chego á concurião,  
Que nós não temos rezão  
De sê, ansim, tão mofino,  
Que vá ligá muita monta  
A taíos sem sê de conta! . . . »

Inzaminci os paciente,  
Mas porém com pricaução;  
Um tem um taío na mão  
E tem os largato drumente.  
O otrô, o Chico Faria,  
Só w'está dentro a avaria . . . »

Então o Derfino, cuê pucha !  
Isso sim, é otoridade !  
Disse, com simplicidade :  
«— Este causo não m'imbucha.  
Ninguem não róba sabugo . . .  
Eu considero refugo

Taío menor do que um palmo !  
Vanceis estão dispensado,  
Vão pra casa socegado,  
Agora tudo stá calmo ! »  
Nisso um gallo deu signá,  
Pros ôtro tudo acordá . . .

O «Cruzêro» mal se via,  
Lá onde se deita o sol . . .  
Começava o arrebol  
A tingí a serranía.  
As fôia verde pingava,  
E as flore desabrochava

Nos campo verde e nas matta,  
Desprendendo o seu perfume,  
Se misturando c'o estrume  
Do gado, qu'erguendo as pata,  
Já começava a s'erguê,  
Pra pastá e pra bebê.

E eu me fui, escotêro,  
Caminho da minha casa,  
Da madrugada, na asa,  
No meio daquelle chêro,  
Que m'entrava nos purmão,  
Ficando no coração . . .

E eu ia imaginando,  
Sosinho, no puchirão,  
Que prisiára tão bão,  
Em buchincho terminando . . .  
Percurava me alembrá,  
Proque havéra de peliá

Aquelles dois turunguenga . . .  
Seria amóde das trova,  
Ô duma cabôca nova?  
Nem tróva, cabeça perrenga,  
Nem memo foi a canninha:  
Foi o azá do «Cacimbinha»! . . .







3499